

EROTIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS INFANTO-JUVENIS: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO HOJE - ENTREVISTA COM JANE FELIPE DE SOUZA

Joyce Otânia Seixas Ribeiro¹
joyce@ufpa.br

Há algum tempo conheci a Professora Jane Felipe de Souza por meio de artigos publicados em periódicos nacionais e algumas coletâneas, e me chamou atenção a discussão que ela faz sobre os problemas de gênero e sexualidade infanto-juvenis hoje, estabelecendo relação entre erotização, pedofilização da sociedade e o papel da mídia nesse processo. Dessa aproximação, resultou um convite do GEPEGE – Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação, para que Jane colaborasse com um artigo para compor o livro *Pesquisa em Educação: territórios múltiplos, saberes provisórios*², em sua terceira parte, intitulado *Gênero, Educação e Cultura*. Jane gentilmente aceitou o convite, o que resultou na indicação de seu nome pelo GEPEGE para esta conversação.

Antes de iniciar, algumas palavras sobre ela. A professora Jane Felipe de Souza é psicóloga, doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), e pós-doutora na área de Cultura Visual, pela *Universidad de Barcelona*. Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e integrante do GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero; é também fundadora e integrante do GEIN - Grupo de Estudos em Educação Infantil/UFRGS. Suas contribuições ao debate sobre corpo, gênero e sexualidade colocam-na no cenário nacional como referência.

É preciso ainda dizer que esta conversação foi realizada *on line*, dada a distância entre nós, eu no norte e a Profa. Jane no sul deste imenso país, porém esta dificuldade espacial não diminuiu minha satisfação com este contato.

Joyce Ribeiro- Professora Jane, sei que você já pesquisa sobre gênero e sexualidade há mais de 10 anos. O que a trouxe para este campo de estudos?

Jane Felipe de Souza- Sempre me chamou atenção, desde pequena, a maneira como as mulheres eram visibilizadas nos programas de TV, na comunidade religiosa da qual eu fazia parte (tive uma formação protestante), os comentários das outras pessoas. Ouvia um programa de rádio na minha infância onde o radialista dava conselhos extremamente machistas para as mulheres. Uma das coisas que ele dizia: “minha amiga, ruim com ele, pior sem ele!” Sempre me senti muito incomodada com aquilo. Acho que eu já era feminista mesmo sem me dar conta disso. Quando fui fazer o doutorado é que comecei a me apropriar do referencial teórico específico, tendo a honra de ser orientada pela prof^a Dr^a Guacira Lopes Louro. Na verdade, ter ouvido uma palestra dela pela primeira vez, em 1994, foi um divisor de águas pra mim. Quando vi sua explanação sobre os estudos de gênero, não tive dúvidas: era exatamente isso que me interessava pesquisar, especialmente no campo da educação.

Joyce – No artigo *Infância, Sexualidade e Pedofilização: o corpo feito espetáculo* (2010)³, você indica que os Estudos Feministas trouxeram para o campo acadêmico discussões em torno de temas relativos à Mulher e às relações de gênero, ressaltando as contribuições de Joan Scott e Guacira Louro. Porém, Eleni Verikas, em seu artigo *Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott* (1994)⁴, tece algumas críticas ao excessivo peso da coerção social e da abstração nos estudos e pesquisas orientados pela desconstrução. Como você avalia esta crítica?

Jane - O debate em torno das concepções teóricas dessas duas pesquisadoras do campo da história social é bem importante e vem trazer contribuições e questionamentos para o campo dos Estudos de Gênero e dos Estudos Feministas. Apesar de não ser historiadora, acompanhei o debate e acho que todas as teorias estão sujeitas a críticas e problematizações, de modo que só temos a ganhar com elas. Chamo atenção para as colocações de Eleni Verikas (p. 65), quando ela questiona: “como fazer para passar das abordagens descritivas para as abordagens “orientadas na direção de uma solução dos problemas”? Como fazer para vincular essas problemáticas àquelas dos outros domínios históricos”? Qual é a contribuição da história das mulheres à história em geral? Em que ela transformou e, sobretudo, como ela pode transformar o campo histórico no seu conjunto? Quais são os instrumentos conceituais e metodológicos que funcionam melhor numa tal empreitada?” Verikas mostra ainda que um dos aspectos mais interessantes do desacordo entre as duas teóricas diz respeito a este último ponto. Tanto Scott quanto Tilly lamentam o uso excessivamente descritivo da noção de gênero

na história das mulheres e concordam sobre a necessidade de torná-la uma verdadeira categoria de análise através de uma conceitualização que possa questionar os conceitos dominantes da disciplina histórica. Na p. 74, Verikas observa que as objeções de Joan Scott à história social de fato não dizem respeito somente à insensibilidade dessa história quanto a questão de gênero, mas tal falta de sensibilidade para as questões de gênero revela divergências mais profundas, relativas ao estatuto e ao objeto do conhecimento histórico. Acho que é fundamental perceber, como pesquisadoras que somos, nossos limites, pois as pesquisas e concepções teóricas que desenvolvemos não conseguem abarcar toda a complexidade dos temas que gostaríamos de estudar. Portanto, nossas teorizações sempre têm um caráter aberto, provisório, inacabado, datado, sujeito a muitas outras problematizações, bem como a novas interpretações.

Joyce - Existe, na sua percepção, possibilidade de borrar as fronteiras das contribuições da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero, fazendo uma espécie de apropriação seletiva entre as contribuições de ambas as abordagens? Buscar fundir as contribuições ajudaria a enfrentar os problemas sobre Mulher e relações de gênero relativos à infância e à juventude no Brasil?

Jane - Acho muito importante olharmos para as contribuições advindas da história das mulheres, bem como as teorizações no campo das relações de gênero. Em toda e qualquer teoria, torna-se muito importante entendermos suas condições de possibilidade, percebendo de que forma elas foram sendo gestadas em um determinado tempo, em uma sociedade específica, a influência de outros grupos e pensadores/as de vários campos do conhecimento – Antropologia, Sociologia, História, etc - para construirmos a(s) teoria(s) que temos hoje. O mesmo acontece em relação às categorias infância e juventude. Hoje entendemos que não é mais possível trabalharmos a partir de uma visão homogênea de infância ou mesmo de juventude. Também é importante lembrar que não podemos tomar a categoria gênero de forma isolada, mas devemos pensar nela a partir de seus vários atravessamentos (classe social, geração, raça/etnia, religião, etc), pois é assim que os sujeitos vão se constituindo enquanto tais. Especificamente em relação aos Estudos de Gênero, a grande contribuição é pensarmos que as expectativas em torno das masculinidades e feminilidades são construídas e reiteradas, em um amplo processo que envolve discursos, práticas, sucessivas e sutis repetições. Assim como não podemos mais falar de uma categoria “mulher”, única, estável, descontextualizada,

também não podemos operar com um único conceito de infância ou juventude. É importante olharmos para os diferentes discursos que nos atravessam e nos constituem, tentando perceber como todos eles se conectam, ou ainda de que forma se rompem ou se contradizem, em algum momento.

Joyce - No artigo *Erotização dos corpos infantis* (2011)⁵, você fala da crise da infância, e uma das causas desse evento é, por um lado, as transformações socioculturais ocorridas a partir do século XVIII e, por outro, a presença e os efeitos das pedagogias midiáticas no cotidiano das pessoas. Diante dessa afirmação, resta algo a fazer na escola?

Jane - Certamente a escola tem um papel fundamental nessa problematização quando consegue promover discussões sobre o tema. Para tanto, precisamos investir na formação inicial e continuada do corpo docente, trazendo essas discussões, ampliando o conhecimento crítico das pessoas que circulam na escola – alunos/as, famílias, docentes, funcionários/as e demais pessoas da comunidade. As questões de gênero, da diversidade sexual, das discriminações raciais, dentre tantas outras podem e devem ser discutidas nas escolas, pois elas fazem parte de uma discussão mais ampla que envolve os direitos humanos. A escola não é um lugar à parte do social, portanto, cabe a ela estar atenta ao que acontece no mundo, até porque todos esses temas operam e produzem discriminações dentro do próprio ambiente escolar. Para tanto, uma formação adequada e de qualidade torna-se primordial.

Joyce - Entre os efeitos dessa crise está a erotização precoce dos corpos femininos infanto-juvenis, devido ao excessivo apelo à estética do corpo jovem e magro, o culto à beleza, que você denomina de “pedofilização da sociedade”. Mesmo que você advirta sobre a necessidade de se evitar moralismos, os limites entre um e outro são muito tênues, não é? É possível reconhecer estes limites?

Jane - Esta tem sido uma dificuldade de operar com este conceito, que tenho utilizado desde o ano de 2002. Quando falo em erotização dos corpos infantis, marcando isso que chamo de pedofilização como prática social contemporânea, não estou negando qualquer possibilidade erótica dos sujeitos infantis nem estou defendendo a ideia de que os corpos infantis sejam assexuados. O que procuro chamar atenção com este conceito de pedofilização é mostrar qual é o mesmo o projeto que estamos, enquanto sociedade, enquanto produtores de uma determinada cultura, desenvolvendo para as crianças. As crianças, no instante em que nascem, já podem perceber que seu corpo (e o corpo de outros) é fonte de prazer e satisfação. Na medida em que a criança vai crescendo, ela vai se dando

conta e explorando seu próprio corpo e passa a ter interesse pelos corpos de outros que percebe como diferentes do seu. Ela aprende que o corpo é fonte de prazer, de dor, de experiências múltiplas. Até aí, tudo bem. O problema é quando ela começa a aprender qual é o valor atribuído a determinados corpos nesta sociedade. Alguns corpos (e comportamentos) valem mais do que outros, são mais valorizados que outros. Temos hoje a centralidade do corpo belo (leia-se magro, jovem, sarado), erotizado, como se os sujeitos (leia-se mulheres e meninas) só valessem à pena pela capacidade de sedução. Este último aspecto parece ser imprescindível hoje no processo de embelezamento de meninas e mulheres. Temos então o fenômeno de perpetuação desesperada da juventude, mulheres que se lançam nas plásticas, nas dietas, que não podem ter uma ruga sequer. Aumenta hoje de forma significativa o número de meninas preocupadas com sua aparência, a ponto de adoecerem.

Joyce - Mães, pais e responsáveis pelas meninas e moças, também são constantemente interpelados pelos discursos midiáticos, levando-os, inconscientemente, eu creio, a erotizarem suas filhas, até porque os produtos (roupas, acessórios, calçados, maquiagem) hoje disponíveis para o consumo delas são erotizantes. Cabe mesmo desconfiar que estas mães e pais sejam pedófilos?

Jane - De forma alguma podemos chamar esses pais e mães de pedófilos. Aliás, o conceito de pedofilização não deve ser confundido com pedofilia, pois esta é entendida como uma parafilia, em que o sujeito sente desejo sexual única e exclusivamente por crianças. O conceito de pedofilização é mais amplo e pretende problematizar essa convivência com a erotização dos corpos infantis.

Joyce - Voltando ao artigo *Infância, Sexualidade e Pedofilização: o corpo feito espetáculo*, você indica como uma forma de aprofundar o debate e enfrentar o problema da erotização precoce, o investimento na formação docente. Professores e professoras bem formados para a leitura crítica de imagens midiáticas como quer Douglas Kellner, farão frente à imposição tão poderosa e onipresente das pedagogias midiáticas?

Jane - David Buckingham mostra que as pedagogias midiáticas precisam ser relativizadas no seu poder, ou seja, não se trata de demonizar a mídia, a internet, a cibercultura. Uma sociedade mais politizada, mais instruída e culta, mais atenta ao que é veiculado através da mídia e dos inúmeros artefatos culturais pode fazer frente aos absurdos e abusos que a mídia produz ou reproduz. Não podemos demonizar a mídia achando que ela é a grande responsável ou a grande vilã de

determinadas ideias. Quando compro uma roupa de perigete pra minha filha estou sendo conivente com uma determinada proposta de corpo, de comportamento. A sociedade civil organizada pode pressionar, pode boicotar determinados produtos que veiculam concepções machistas, por exemplo. Acho que as pessoas ainda não se deram conta do poder que têm.

Joyce - E quanto às crianças e às moças, elas são apenas corpos dóceis ou há a subjetivação para a resistência, como quer o último Foucault?

Jane - Sempre podemos produzir alguma resistência frente aquilo que nos é imposto. Nem todas as propostas que nos disponibilizam, especialmente as veiculadas pela mídia ou por qualquer outro meio são aceitas passivamente por todas as pessoas. Um exemplo interessante que tem surgido ultimamente é a ideia de se viver com menos, sem grandes consumismos. Por que e para que preciso ter tantos calçados, tantas roupas, tantos objetos? É claro que em uma sociedade altamente capitalista fica muito difícil escapar dessa lógica de consumo, mas sempre é possível resistir.

Joyce - É possível citar alguns exemplos de resistências cotidianas?

Jane - Em relação a esse bombardeio de revistas, programas de TV, propagandas, etc, que veiculam a idealização de um corpo perfeito, por exemplo, é possível perceber agora uma série de iniciativas que desmontam essa lógica, seja através da proibição do uso de foto shop, como em alguns países, seja através da resistência das pessoas, que percebem tal idealização, afinal, se olharmos ao nosso redor, veremos que nossos corpos não são tão perfeitos assim. As pessoas já começam a se dar conta que aquele corpo perfeito visibilizado nas capas das revistas foi de fato manipulado, melhorado, para parecer mais magro, mais jovem, mais belo. Também acho muito interessante a ideia de boicote a determinadas marcas, produtos, programas de TV, candidatos...

Joyce - No artigo *Entre batons, esmaltes e fantasias* (2004)¹, você e Bianca Salazar Guizzo, analisam situações ocorridas em sala de aula relativas ao gênero e a sexualidade de crianças. É possível aos professores e professoras uma ação cultural capaz de desconstruir as relações tradicionais de gênero e sexualidade quando são interpelados por mães e pais que reagem negativamente a tais práticas pedagógico-culturais na sala de aula? O desânimo pode ser revertido?

¹ MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 2ª. Ed., Porto Alegre: Mediação, 2004.

Jane - Acho fundamental que o corpo docente das escolas seja capaz de lidar com tais questões. Para isso é preciso ter uma formação que dê conta disso, como referi anteriormente. Outro ponto fundamental: quando as famílias colocam seus filhos na escola, elas devem saber que ali é um espaço que visa à ampliação do conhecimento, portanto, todo e qualquer tema deve ser debatido. Isso deveria constar no Plano Político Pedagógico da Escola! Quais as estratégias que podemos utilizar então? Podemos nos valer da literatura infantil, dos brinquedos e brincadeiras e das atividades desenvolvidas na escola para problematizarmos tais questões que envolvam gênero, sexualidade, diversidade. A professora Claudia Ribeiro (UFLA) relata uma interessante experiência vivida no cotidiano da sala de aula, quando uma turma resolveu fazer um casamento de brincadeira. O interessante é que a própria turma produziu um texto que dizia mais ou menos assim: “você aceita casar com fulana enquanto o amor durar?” Olha, que lindo, eles perceberem que o amor pode não ser eterno! A literatura infantil, o teatro, a música, o cinema, a poesia, podem contribuir sobremaneira nessa discussão.

Joyce - Costumo dizer que a infância, hoje, entrou em uma espécie de túnel do tempo, assumindo os contornos de antes de ser inventada como conceito: as crianças voltaram a ser uma imitação dos adultos, especialmente em relação às roupas, já que estas eram semelhantes a dos adultos, fazendo da criança, um adulto miniatura. Hoje é o que se vê em relação às roupas infantis para meninas, que agora, são modelitos miniaturas das roupas das mulheres adultas. As meninas são mesmo adultas miniatura?

Jane - As meninas são meninas, mas tentam ser um arremedo de mulheres. Hoje existe um borramento de fronteiras entre as idades. Crianças não querem mais ser identificadas como tais, almejando logo entrarem na adolescência. Embora não tenham ainda passado pelas transformações corporais da puberdade, muitas delas/es já apresentam comportamentos caracterizados como juvenis. Também os adultos querem permanecer o mais tempo possível na juventude, e os velhos lutam desesperadamente para não serem identificados como tais. Vivemos na primazia da juventude, ao que parece. No entanto, é interessante observar que em outras culturas as crianças ainda são vestidas como tais, não havendo essa adultização nas roupas, nos calçados ou nos acessórios.

Joyce - Para encerrar, gostaria que você falasse um pouco sobre as sua pesquisa no pós-doutoramento na *Universidad de Barcelona*.

Jane - Ir para outro país, e especialmente morar durante quase um ano nele é uma experiência muito enriquecedora, pois você se depara com outros costumes, com outra cultura, com os serviços essenciais de moradia, transporte, alimentação, saúde, onde tudo parece funcionar muito bem. E, é claro, que inevitavelmente você fica comparando a sua realidade com a desses outros lugares, em especial no campo da educação. Atualmente coordeno o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil e muito fiquei tocada com a apresentação de minha colega, coordenadora do mesmo curso, na região norte do país. Ela falava das dificuldades de promover o curso de especialização para os/as professores/as da Educação Infantil desse estado em diferentes polos. Há alunos que viajam 24h de barco para chegarem ao local do curso! Então fico pensando no quanto ainda temos que avançar para que as condições sejam iguais para todos.

No que concerne ao acadêmico, as universidades dispõem de uma ótima infraestrutura, o que facilita enormemente o trabalho. O acesso a bibliotecas e museus, que ficam abertos nos finais de semana, é outra oportunidade preciosa para o crescimento e aprimoramento intelectual. Também outro ponto importante é a proximidade com outros países, que também tive a oportunidade de visitar e vivenciar melhor suas culturas, perceber como estruturam o sistema de ensino e como valorizam os profissionais que atuam na educação. Nossas professoras, muitas vezes, não têm acesso a esses bens culturais, pois tudo é caro: ir ao teatro, ao cinema, comprar livros, ter acesso à *internet*, etc, ainda é privilégio de poucos no nosso país. O computador deveria ser um elemento de primeira necessidade para todas as professoras e professores, em todos os níveis de ensino. Mas apesar das nossas dificuldades estruturais, produzimos pesquisas de qualidade, especialmente no que se refere ao nosso campo de atuação: educação, gênero e sexualidade, e contamos sempre com professoras e professores interessadas/os e dispostos a avançar.

Joyce - Professora Jane, só me resta agradecer imensamente sua disponibilidade e colaboração, esperando que em outra oportunidade possamos conversar mais de perto.

¹ Professora Adjunto II da FAECS/Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA; Líder do GEPEGE – Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação. Doutoranda do PPGED/ICED/UFPA, na linha de pesquisa *Educação: currículo, epistemologia e História*, orientada pela Profa. Doutora Josenilda Maués.

² GONÇALVES, Jadson F. G.; RIBEIRO, Joyce O. S.; CORDEIRO, Sebastião M. S. (Orgs.). **Pesquisa em Educação: territórios múltiplos, saberes provisórios**. Belém: Editora Açaí, 2010.

³ LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

⁴ *Cadernos Pagu*, n. 3, 1994, pp. 63-84.

⁵ LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 7ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2012.